

# Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 numeros.....	25500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	13300 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

— ANNO I — 3 DE ABRIL DE 1881 — N.º 7 —

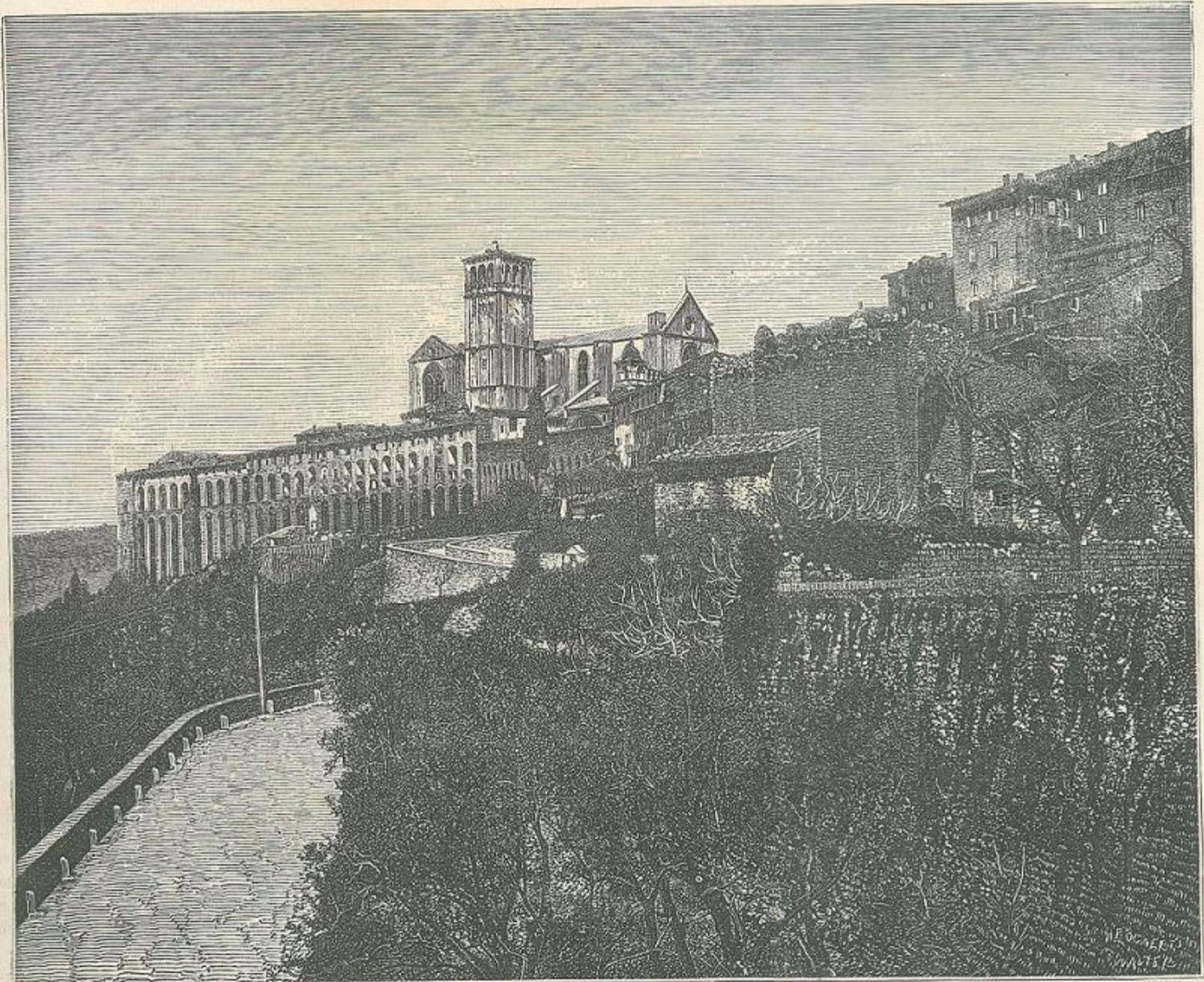
GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO  
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA	
BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	42000 "
Trimestre ou 13 ".....	24000 "
Avulso.....	200 "

## SUMMARIO

**Gravuras:**— Vistas de Italia: A cidade d'Assis; É um Marabute; Da mina para o moinho; Aranha do mar.

**Texto:**— Aos nossos assignantes: As nossas gravuras; Tres ramos de flores; Os productos da natureza por, Carlos Sepulveda;  
D. Juan Valera, trad. de Luiz Quirino Chaves; O crime de Rivecourt, trad. de Cunha e Sá;



VISTAS DE ITALIA: A CIDADE D'ASSIS

## AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Está completamente esgotada a edição de 4:500 exemplares dos primeiros quatro números do «Jornal do Domingo». Não podemos, pois, satisfazer requisição alguma que nos tenha sido feita até esta data, nem mesmo as que de futuro nos sejam dirigidas, antes do principio de maio proximo.

Devendo, porém, estar prompta n'aquella epocha a segunda edição dos mesmos numeros que, por avultada e por não ser feita em Lisboa, não pôde ser publicada mais cedo, rogamos a todas as pessoas que quizerem assignar esta publicação, e muito especialmente ás residentes no Porto, onde é correspondente o sr. Eduardo da Costa Santos, a fineza de acceitarem a assignatura do numero 5, inclusive, em diante, na certeza de que com os primeiros numeros do segundo trimestre receberão os quatro numeros indicados.

A Empreza garante o cumprimento do que fica dito, declarando que satisfaz aos srs. assignantes a importancia total dos exemplares recebidos, se por ventura na epocha indicada não completar com os numeros necessarios o primeiro trimestre.

Aos srs. assignantes da provincia, que receberem o jornal directamente da Empreza e que se acham em dívida, não será enviado o n.º 8 sem que tenham satisfeito a importancia das suas assignaturas.

## AS NOSSAS GRAVURAS

VISTAS DA ITALIA — A CIDADE D'ASSIS. — Assis, situada a dezenove kilometros de Perugia e edificada sobre uma altura, conta apenas 5.000 habitantes. É um dos sanctuarios da primitiva arte italiana, digna de merecer no mais alto gráo o interesse e admiração dos viajantes. É sobretudo notavel o convento *Il sagro Convento*, construido em 1238, e que tem grande similitude com uma fortaleza. A cathedral compõe-se de duas egrejas sobrepostas cujas paredes interiores estão cobertas de frescos devidos ao pincel de grandes pintores da Italia.

Ahi repousam os restos de S. Francisco d'Assis, que nasceu n'esta cidade no anno de 1182.

Assis orgulha-se tambem de inscrever na lista de seus filhos o celebre poeta Metastasio, nascido em 1698, que pela harmonia e suavidade de seus versos mereceu o cognome de Racine italiano.

É UM MARABUTO! — Marabuto, nos Estados barbarescos, é um religioso, um anachoreta, unico servidor de uma mesquita de campo, ou de uma capella.

Os Marabutos são objecto de profundo respeito para os fieis, por isso que são os representantes de Mahomet na terra.

A gravura, que damos n'este numero, reproduz uma scena ainda hoje viva na memoria dos arabes, e de que o pintor se inspirou na composição do seu quadro.

Hamed, filho de Abdallah, da tribu dos almoravides, contava apenas doze annos, e o seu nome era já respeitado e abençoado em toda a parte. O proprio Deus descia a illumina-lo, diziam os fieis; na sua pessoa tudo era regular e bem

feito para despertar aquella veneração, aquella santo amor, de que era objecto. Furtando-se á communicação das gentes, escondido no fundo do bosque sagrado, passava a vida inteira na meditação e na reza, explicando ao povo as doutrinas do Al-Korão, ensinando-o e instruindo-o nos principios da religião mussulmana.

Um dia, á hora da reza, passa de repente um velho cheik arabe, galopando n'um cavallo preto; mas passa, sem dar o *selam*, sem dizer uma unica palavra. Que sacrilegio! A maldicção do propheta vae cahir sobre a sua cabeça.

Hamed, offendido, levanta-se, faz um gesto imperativo, o cheik pára immediatamente o cavallo, apeia-se, pega na mão do mestre, beija-a com humildade derramando lagrimas e pedindo-lhe perdão.

É que o ancião deve á creança homenagem, respeito e veneração, porque é digno representante do propheta, é da tribu dos almoravides, finalmente, é um Marabuto!

DA MINA PARA O MOINHO (CALIFORNIA). — Como explicação da nossa gravura, pareceu-nos que não era fóra de proposito escrever algumas palavras sobre o modo, como se faz na California o transporte do minereo de ouro da mina para o moinho.

Nos Estados do oeste da America, o ouro e a prata encontram-se nas veias das rochas de quartzito em particulas de diferentes grandezas, muitas vézes excessivamente pequenas para poderem ser observadas á vista desarmada. Essas veias são decompostas, em alguns casos, por agentes atmosphericos, ou cavadas por aguas correntes, e então encontra-se o metal puro misturado com a terra dos valles, de que se separa por meio da lavagem. Depois de se ter procedido a esta depuração, o quartzito é transportado da mina para o moinho a fim de ser triturado e reduzido a pó; e ahi torna a separar-se o metal do quartzito, empregando para esse fim a prata.

O transporte faz-se por meio de carros, e apesar de todas as precauções, as viagens são constantemente sujeitas a perigosos e gravissimos accidentes, porque, n'aquellas montanhosas regiões, os caminhos são estreitos, escarpados, cheios de precipicios por toda a parte.

Cada carro tem um travão muito forte, capaz de o deter nos logares mais arriscados do caminho, e que o cocheiro põe em actividade logo que chega ao principio de uma descida.

Os cavallos trazem guizos ao pescoço para advertir os peões.

Quando partem muitos carros, só levam guizos os cavallos que pucham o primeiro e o ultimo; de sorte que o viajante, quando deixa de os ouvir, pode continuar sem risco o seu caminho.

ARANHA DO MAR. — Entre os caranguejos, que se encontram no Oceano, a aranha do mar o *Majospinato*, é o maior. Chega a medir onze centimetros e mais; é dotado de movimentos tão vagarosos, caminha tão devagar, que transporta nas costas asperas e duras, grande quantidade de limo, de plantas aquaticas, de conchas e coraes como se pôde ver na gravura, que hoje damos aos nossos leitores.

Quando o animal caminha, as suas unhas enormes produzem um ruido grande e particular.

Encontram-se estes caranguejos no Mediterraneo e no mar Adriatico, onde vivem em grande numero.

Vendem-se muitos nos mercados das principaes cidades maritimas da Italia.

A maneira de os preparar é facillima. Cosem-se com azeite, que se lhes deita na casca, e dizem que são de um gosto delicadissimo.

## TRES RAMOS DE FLORES

## I

A historia, que vamos referir, é de todo o ponto verdadeira, e succedeu n'uma pequena cidade, em que é costume collocar na vespera do primeiro de maio, á noite, ramos de flores debaixo das janellas das raparigas solteiras.

Dito isto, principiemos.

Na formosa e poetica cidade de S... vivia uma encantadora menina, loira, com os olhos côr de saphyra, uma verdadeira nympha, uma sylphide. Emma C. era filha e unica herdeira de um ex-negociante, a quem uma fortuna honradamente adquirida pelo trabalho, deixava gozar em socego e tranquillidade a ociosa existencia dos bemaventurados que vivem de suas readas.

O pobre do homem, para substituir a ambição propria dos que só pensam no *deve* e no *haber*, nutria agora as mais ardentes aspirações aristocraticas. Quanto se pôde fazer, tanto fazia para disfarçar e corrigir na sua pessoa, nos seus habitos, no seu modo de vida qualquer cousa em que ainda se pudesse adivinhar o antigo negociante. Desejava dar á sua Emma, ao seu idolo na terra, uma educação tão fina e aprimorada como a da filha do deputado pelo circulo, dignidade que elle esperava alcançar nas proximas eleições. Tomou-lhe mestres de piano, de canto, de litteratura; e bom era que a maior parte dos paes seguissem o exemplo de M. R. C., em vez de consentirem que as filhas se preocupem exclusivamente com as *toilettes* e *modas do dia*.

A' sua instrução amena e agradável, á sua formosura verdadeiramente encantadora, juntava Emma grande bondade de coração, unida a uma intelligencia privilegiada. Por consequencia em qualquer parte, onde apparecesse, nos concertos, nos bailes, nos saraus de familia, formava-se logo em torno d'ella um grupo alegre de admiradores, que pleiteavam entre si a gentileza, a amabilidade e a galanteria.

D'estes havia trez que se distinguiam pela assiduidade junto de Emma, e pelo excessivo cuidado, que punham, em grangear os sympathias do pae. Eram tres concorrentes decididos, convictos, entusiastas, que bebiam os ares pela mulher dos seus sonhos.

Emma não podia sahir á rua, sem que logo surgissem de diferentes lados os nossos trez rivales, muito apressados, de melena frisada, luva apertadissima, e botas, que por não estarem menos do que as luvas collocavam os desgraçados pés em torturas de inquisição; não lhe era possivel ir á igreja, sem que elles se mostrassem como por encanto, cada um atraz d'uma columna estendendo o pescoço da direita para a esquerda, e assestando a luneta para não perderem um só movimento do objecto amado.

Podia dizer-se uma verdadeira festa, um torneio entre os tres apaixonados mancebos, mas um torneio pacifico, uma concorrência digna e leal. Os fanaticos admiradores de Emma eram homens de boa feição; não tinham genio turbulento e belli-

coso, não lhes corria nas veias o sangue dos illustres valentões dos velhos tempos da cavallaria errante.

Como succede quasi sempre n'estes casos, cada um d'elles estava intimamente convencido de que era unico possuidor do coração da formosa Emma, e umas vezes ria a bom rir dos seus dois infelizes contendores, outras vezes lamentava-os e compadecia-se da sua triste sorte.

Na cidade toda a gente se divertia com as aventuras amorosas d'estes heroes. Era um assumpto inexgotavel de pilherias, de bons ditos e de gargalhadas.

Mas qual era a opinião de Emma a este respeito? perguntar-me-hão. Dava mostras de preferir este ou aquelle, ou não ligava importancia a nenhum d'elles?

O leitor sabe tão bem, como eu, que o coração da mulher é um verdadeiro labyrintho. Contudo, Emma parecia ter o amor proprio lisonjeado e satisfeito com a triplice attenção de que era objecto. E que mulher o não teria até por muito menos? Todas ellas gostam, e gostam muito, de ser admiradas e contempladas, ainda que seja por um homem de oculos azues em cima de um nariz chato, optimo freguez da companhia de tabacos de Xabregas, e com um atrevido chinó que esconde um craneo pellado como um joelho.

O orgulho de Emma estava pois extremamente lisonjeado. Era só o que se podia perceber.

Os pretendentes não diziam uma unica palavra sobre a paixão, que os devorava, e limitavam-se a fallar com os olhos e a aproveitar todas as occasiões, todos os momentos, de que um namorado sabe tirar tanto partido para revelar os segredos do seu attribulado coração.

## II

Um dia, á hora do almoço, o ex-negociante disse á filha:

— Emma! estive hontem á noite no club, e foste tu o assumpto exclusivo da conversação.

— Tomára eu que me deixassem em paz. E o que se dizia?

— Ora essa! Teem todos a maior curiosidade de saber qual dos teus admiradores preferes. Gaba-se cada um d'elles de sahir victorioso, porém isso não é possível; um ha de ser o preferido; mas qual será? Será o Carlos? Será o Luiz? ou o Julio? É o que tambem pergunto a mim mesmo. São trez rapazes de boas familias, filhos de honrados e velhos amigos de teu pae, todos igualmente bonitos e dotados de excellentes corações. É inutil dizer-te que te deixo plena liberdade na escolha. Todavia, se tens algum segredo a confiar-me, falla sem receio, e accredita que procederei em conformidade com o que disseres.

— Ora o papá, sempre é muito indiscreto; vejo perfeitamente onde quer chegar... deseja casar a sua filha, não é verdade? Já não tem pachorra para ella?

— Minha querida Emma, como pudeste concluir isso das minhas palavras? De certo que não... mas tu comprehendes: os segredos, os ditinhos de uma terra pequena são sempre nocivos á reputação de uma rapariga. Todos fallam, inventam, dão á lingua, e fazem de um argueiro um cavalleiro.

— E eu peço-lhe, meu caro papá, que me não pergunte nada. Se soubesse a explicação d'este enigma, havia de ficar espantadissimo. Mas te-

nha paciencia, espere mais algum tempo, e a verdade cahirá como um raio, que ha de deixar tudo assombrado.

— Estás fallando de modo que te não entendo. E quando cahirá o raio? D'aqui a muito tempo?

— Dentro de oito dias, talvez... Estou á espera da noticia de um acontecimento importante...

Eu e uma das minhas amigas combinámos uma coisa engraçadissima, que ha de produzir o effeito, que o papá deseja. Havemos de rir muito, e bem sei quem vae ficar pulando de contente.

— Então quem é?

— Quem ha de ser? o papá.

— Está bem. Mais uma vez me submetto aos teus caprichos... Ponto final.

## III

Os oito dias não passaram tão depressa como desejava M. R. C. Chegou finalmente o setimo, que era o ultimo de abril.

Segundo o costume da terra, pelas nove horas da noite a philharmonica da cidade percorreu as principaes ruas em numerozo cortejo tocando, como dizem os cartazes, as melhores peças do seu repertorio.

Restabelecida a tranquillidade, e o silencio da noite, foi vista, dirigindo-se para o lado da rua, em que morava o antigo negociante, uma figura humana embuçada n'um capote, com o rosto meio coberto pelas abas de um grande chapéu de feltro.

O mysterioso personagem olhou em roda de si, aproximou-se cautelosamente da casa de M. R. C. e contemplou durante alguns minutos com enlevo um dos quartos em que havia luz; depois firmou um pé sobre a janella do rez-de-chaussée, segurando-se com ambas as mãos ás portas que estavam abertas. N'esta encommoda e difficil posição, tirou de debaixo do capote um esplendido ramo de flores, no meio do qual poz uma carta em papel cõr de rosa, e estendendo o braço collocou tudo na janella do quarto illuminado, que não era muito alta. Saltou para baixo com ligeireza, dirigiu olhares de supremo contentamento para o ramo pendurado lá em cima, e desatou a fugir com toda a pressa. Brillava-lhe no rosto a alegria, e do peito offegante sahiram-lhe monosyllabos, interjeições de prazer e felicidade.

— Oh! murmurava elle, agora é que ella vae saber pela minha carta, a paixão que me abraza. Se Rosalia, a sua maior amiga, não insistisse tanto commigo, de certo me não atreveria a escrever-lhe... E a manciara por que me aconselhou que o fizesse, não me deixa a minima duvida sobre as disposições favoraveis de Emma.

— Pobre Carlos! Desgraçado Julio! Que derrota, coitados!

Em quanto assim fallava com os seus botões, um segundo individuo subia a passos accelerados a mesma rua, em que habitava M. C.

Defronte da casa do antigo negociante repetiu-se pouco mais ou menos a scena, ha pouco descripta: a mesma janella escalada, um ramo de flores igual com a competente carta (d'esta vez em papel verde, cõr da esperanza); a mesma fuga precipitada, monologo quasi identico, e jubilo não menos vivo e sincero.

Mas, dir-me-hão, o segundo personagem não

viu o ramo, que o seu predecessor tinha deixado na janella? Que juizo formou, ao vel-o?

O ramo anterior já lá não estava, e tinha desaparecido pela seguinte forma: Quando o primeiro personagem se eclypsou na escuridão, appareceu por detraz da cortina um rosto angelico e radiante, e uma linda mãosinha, branca de neve, abriu a janella e tirou precipitadamente o ramo.

Essa mãosinha branca era de Emma...

O segundo ramo foi tirado como o precedente.

Cinco minutos depois, abriu-se a janella pela terceira vez para dar entrada a um terceiro ramo, occultando uma terceira carta, que um terceiro personagem depozera na janella pela mesma forma e com igual mysterio.

É facil perceber que os tres individuos eram os nossos platonicos apaixonados, Luiz, Julio e Carlos.

## IV

No dia seguinte a esta grande expedição do correio, cujos carteiros eram rosas, cravos e jasmims, M. C. recebia uma triplice visita.

Pelas onze horas da manhã, batem á porta, e o velho creado João manda entrar para a sala de espera o sr. Luiz, primeiro pretendente de Emma.

Pouco depois, tornam a bater.

— O sr. M. C. está em casa? Perguntou Julio, a quem mandaram entrar para a casa de jantar.

— Que diabo haverá aqui hoje? resmungou o velho João ouvindo tocar a campainha pela terceira vez. Isto é, por força, uma conspiração.

Abriu-se a porta, e Carlos foi recebido com toda a cortezia e amabilidade por M. C., que vinha descendo a escada.

— Oh! meu caro amigo, então como vae essa bizarraria? Ha um seculo que não tenho o gosto de o ver. Entre, entre para a sala; tenho duas pessoas á minha espera... vou ver o que querem... e dentro em pouco estou ás suas ordens.

Carlos entrou para a sala de visitas, e o pae de Emma para a de espera.

Ao abrir a porta M. C. deu um grito de surpresa.

— Tambem por cá, sr. Luiz!... Oh, meus bons amigos, que feliz coincidência vel-os aqui ambos!

— Perdão... mas não comprehendo a sua admiração.

Não sabe... é verdade... Mas... Carlos tambem está cá em casa.

— Carlos aqui, exclamou Luiz empallidecendo... que quer dizer isto?...

— Naturalmente quer dizer que veio visitar-me. Mas o que tem, sr. Luiz? Está amarello, tremulo, como se tivesse cabido no meio de um bando de saltadores...

— Não tenho nada... porém... v. s.<sup>a</sup> comprehende... esta singular coincidência...

— Perdão, meu caro Luiz... conceda-me um instante só, porque tenho alguém á minha espera na casa de jantar. Algum rendeiro talvez, que vem pagar a renda... Eu volto já...

— M. R. C. abre a porta da casa de jantar e dá segundo grito de surpresa.

— Não é tal um rendeiro! exclamou elle! Venha cá, sr. Luiz, venha cá ver. Mais um amigo. Estamos hoje em maré de felicidades!

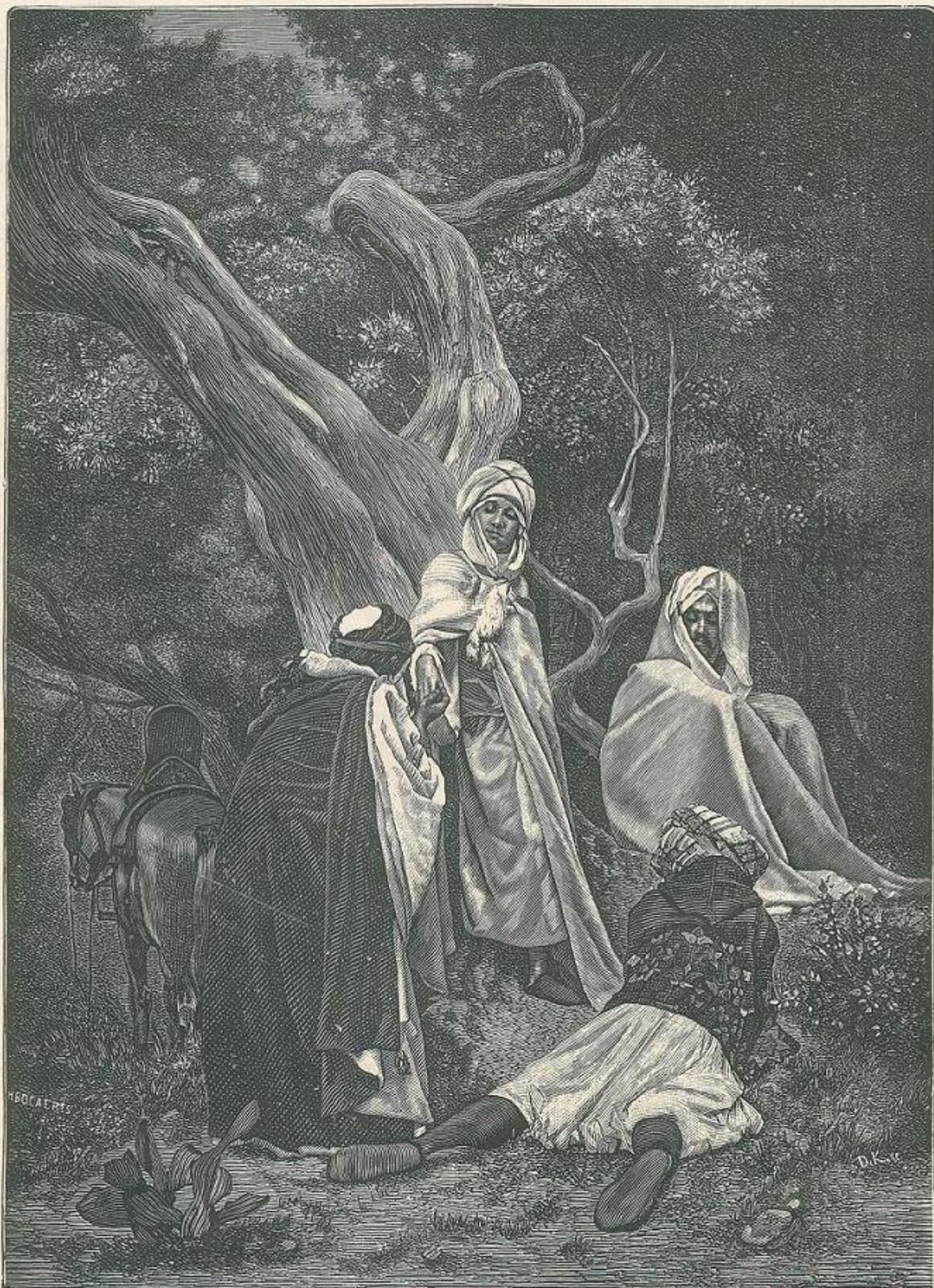
E Julio, que tinha ouvido o dialogo entre o pae e o seu rival, levantou-se com ar constricto e embaraçado. Não podia quasi manter-se nas pernas, que tremiam como varas verdes.

V

Chegados á sala, Luiz e Julio abaixaram constangidos a cabeça ao passarem por deante de

lugubres, e que conversem. Já me começam a fazer medo com esse exterior de gato pingado.

M. C. estava deante de tres estatuas, tres entes immoveis, que pareciam já não ter nada de



É UM MARABUTO

—Que singular coincidência, repetia M. C...; mas que importa? estou alegre e satisfeito por ver os filhos dos meus velhos companheiros... Venha para a sala, onde encontrará Carlos, que vai também ficar surprehendido.

Carlos, que não sabendo o que tinha acontecido, sentiu subir-lhe á cara todo o sangue.

Mas... mas... meus amigos, disse M. C., que tristeza é essa? O acaso reuniu-os hoje aqui... e eu, afirmando-lhes que não anda n'isto obra de Satanaz, peço-lhes que se deixem d'esses ares

humano; pallidos, encolhidos, envergonhados, mudos, lançavam olhares sombrios, em que se lia a desesperação e o furor.

É facil adivinhar o que lhes ia na alma. Para cada um d'elles, a sua presença simultanea n'aquella casa, era um horrivel mysterio, um enigma

aterrador... Propunham a si proprios mil problemas, e não podiam encontrar solução para nenhum.

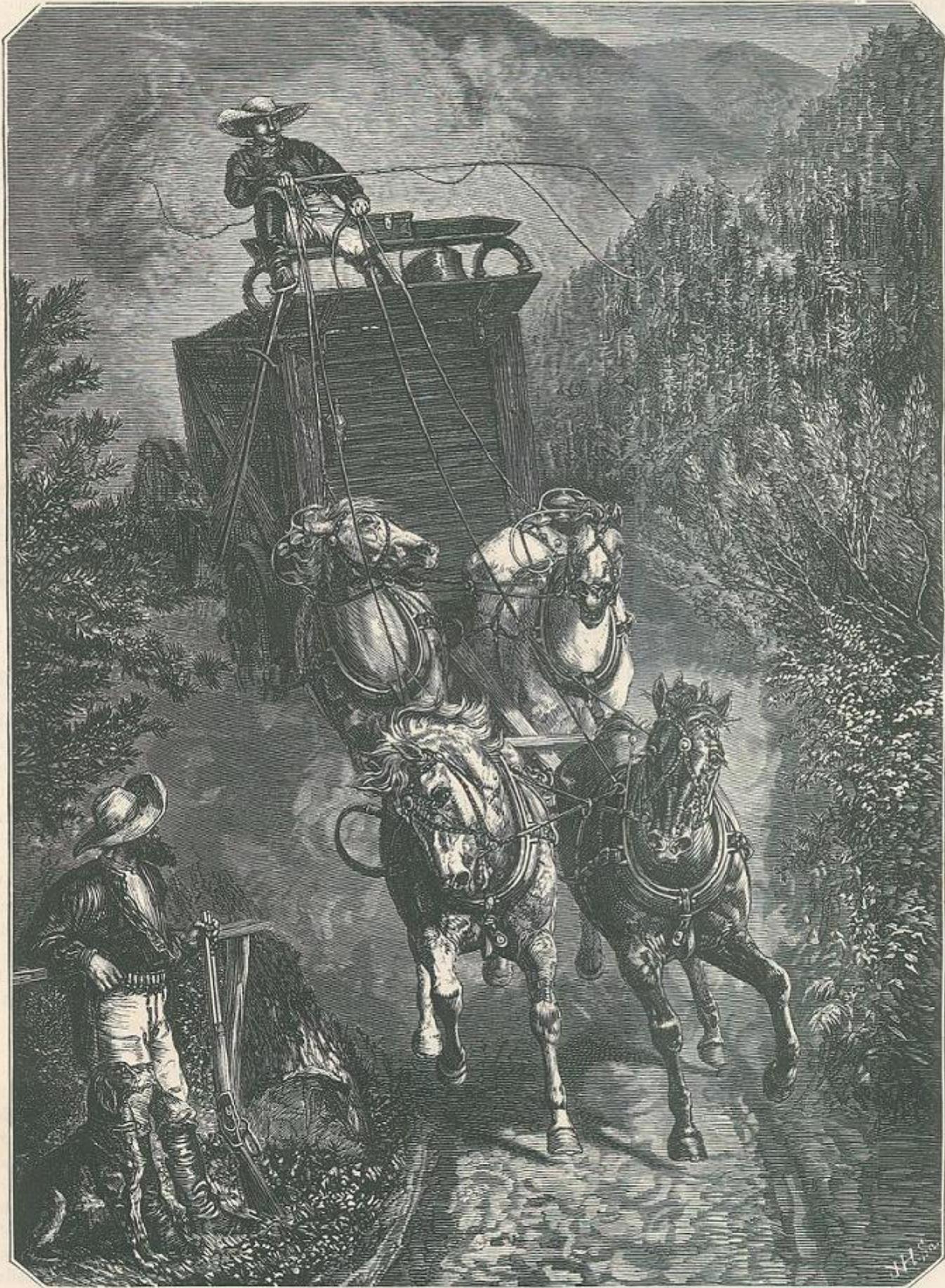
— Senhores, disse M. R. C. cada vez mais

— Oh! sr.<sup>a</sup> D. Emma, que bonitos ramos... Cheiram que é uma consolação... Quem é que lhe trouxe isto, menina?

E Emma, com todo o frescor e graça de uma

O pae, esse estava com uma cara de tolo, sem saber explicar aquella embrulhada.

Os pretendentes curvaram silenciosamente a cabeça, vergando ao peso da sua triste sorte, e



DA MINA PARA O MOINHO

espantado e inquieto, que lhes succedeu? Peço-lhes que digam uma palavra, uma unica palavra... Os senhores perderam a cabeça, ou tudo isto não passa de brincadeira?

Do corredor partiam exclamações, que vinham interromper o pae de Emma.

elegante *toilette* de manhã, entrou na sala complimentando aquelles senhores, e tendo na mão os tres ramos da noite antecedente.

Vendo isto, cada um dos rivaes lançou do peito um grito medonho. O véo tinha cahido. Fizeram-se luz nos seus espiritos.

passando por todas as côres do arco iris.

Entretanto, M. C. observando os ramos, viu as cartas, que n'elles se occultavam. Abriu-as immediatamente, leu-as, e comprehendeu logo tudo.

— Ah! ah! minha filha, agora é que eu en-

tendo. Passaram-se os oito dias... e reservavas para hoje esta surpresa... aproxima-se o desenlace... O que me espanta porém é o accaso, que trouxe aqui estes tres senhores á mesma hora, para o mesmo fim. Não posso deixar de rir... Pois bem, minha filha; é chegado o momento; estão na tua presença os tres pretendentes; escolhe á tua vontade, e conta desde já com o meu consentimento... bem sabes o que te disse a este respeito.

Estas palavras fizeram brilhar um raio de esperança nos rostos abatidos e enfiados dos mancebos.

— Meus senhores, disse Emma, queiram sentar-se e ouvir: tenho algumas palavras a dizer-lhes. Ha muito que tinha percebido... As suas cartas revelaram-me os segredos dos seus coraçãoes. Chegou a occasião de tiral-os da incerteza. Pedem-me resposta ás suas cartas; vou dal-a.

## VI

Emma, algum tanto commovida, parou... Na sala reinava um silencio profundo e solenne. Recobrando animo, continuou com hesitação.

Quando lhes inspirei o affecto, que dizem consagrar-me... o meu coração já não era livre...

Os tres desgraçados só tinham um desejo: desaparecer pelas cadeiras abaixo. Já não havia esperança. Aquella phrase, tão laconica, tão clara, destruiu n'um momento as suas mais queridas illusões.

— Que é lá isso? diz o pae, levantando-se com vivacidade; que estás tu dizendo? recusas? E' esta a surpresa de que me fallavas?... Pois senhores, confesso que me surprehe de deveras... Mas quem é o feliz mortal que...

— E' necessario que o diga deante d'estes senhores?

— Diga immediatamente, porque, se não, arrebento de curiosidade.

— E' o seu afilhado, o primo Eduardo, meu amigo de infancia.

— Eduardo! Eduardo! repetia M. C.; nunca imaginei que fosse elle... N'esse caso não tenho que me oppôr.

— Ainda bem que é do seu gosto, papá.

Quanto aos namorados, parece-me inutil dizer como estavam.

— Ahí tem a resposta, meus senhores, disse-lhes o pae. Nem tudo pôde correr á medida dos nossos desejos. Além d'isso, as pequenas contradicções formam o character do homem. Ora pois, não desanimem, e desde já os convido para o casamento de Emma.

E o bom do velho tomou nas suas as mãos frias e geladas dos pobres desenganados.

Levantaram-se os tres cheios de commoção, suffocando de dôr e de vergonha, balbuciarão algumas palavras intelligiveis, e arrastaram-se com difficuldade até á porta, comprimentando M. C. e a filha.

Pouco depois estavam completamente resignados e consolados; ficaram amigos, como d'antes, e ao cabo de tres mezes receberam convite para o casamento de Emma, a que não faltaram para mostrar, que lhe não tinham o mais leve ran-cor.

Mas o leitor ha de espantar-se, como M. C., da coincidência que reunia os tres em sua casa.

E' facil a explicação.

Rosalia, amiga e confidente de Emma, desejava vingar-se do modo, como os tres rivaes tinham procedido para com ella. Aconselhou-os e instigou-os a mandarem os ramos e as cartas; marcou-lhes o dia e hora, em que deviam ir a casa de M. C. pedir a filha em casamento; e Emma, da melhor vontade, prestou o seu concurso a esta pequenina vingança de mulher.

## OS PRODIGIOS DA NATUREZA

### A ARVORE DO LEITE

Pouca gente de certo imagina que existe uma arvore que se pôde considerar uma rival das amas de leite, arvore que seria uma pechincha se a Misericordia de Lisboa pudesse obtel-a e cultival-a! Dizemos mais, uma arvore que nos faria muito arranjo tel-a no nosso quintal e fazer-lhe uma visita todas as manhãs, antes do almoço!

Pois existe, e é a arvore do leite, e leite. segundo dizem, que não é baptisado, como esse que por ahí nos vendem os caritativos saloios, receiosos de que nos costumemos a hebidas de luxo, como seria o leite puro, sem agua, sem farinha, nem qualquer outra cousa peor.

É a Guiana ingleza que possui um prodigio d'estes, nas margens do rio Demerary.

A respeito da arvore do leite, foi lida, não ha muito, uma circumstanciada memoria perante a Academia.

Quando foi descoberta, chamavam-lhe os naturaes do paiz a arvore-vacca.

Um notabilissimo sabio descreveu-a sob o nome de *Galactodendron-utile*.

É uma arvore grande e de bonito aspecto, cujas folhas oblongas e pontagudas, chegam a ter dez pés de comprimento.

Cresce nos terrenos pedregosos, á superficie dos quaes as raizes rastejam, como se não podessem metter-se pela terra.

Quando, na estação propria, se lhe faz um golpe na casca, começa logo a correr abundantemente um leite de bella côr, cheiro balsamico, sabor aromatico, e que não tem outro inconveniente senão ser um pouco pegajoso.

Os indigenas e os colonos, — que gulosos! — vão todas as manhãs beber, por baixo da arvore, uma chavena de leite, ou mesmo tomar um almoço mais completo, deitando dentro do leite umas sopas de *cassave* ou de *arepas*, especie de broa de milho.

Tambem d'esta prodigiosa arvore se tira uma cera muito boa para queimar.

A arvore do leite existe tambem na Venezuela, porque ha quasi meio seculo, o director do jardim botanico de Caracas trouxe para a Europa alguns pés. Venderam-se a vinte e cinco mil réis cada exemplar, e um dos maiores obteve até em 1830 um premio na exposição da Hollanda.

Um naturalista inglez, n'uma excursão que fez pelas margens do Demerary, encontrou outra arvore, chamada pelos habitantes *Hyo-Hyo*, que produz um leite potavel, mais denso que o da vacca, mas um pouco viscoso.

Preparado com o café, torna-se impossivel distinguil-o do leite de vaca.

A arvore terá uns vinte e cinco a trinta pés de altura.

O leite existe entre a casca e o lenho, e corre logo que se faz uma incisão na arvore.

Por cá ainda esta arvore não é conhecida, ainda não appareceu, e se apparecesse, talvez não se tratasse de acimal-a. Tem mais graves cuidados os nossos governantes; fazerem approvar o tratado de Lourenço Marques, por exemplo. E na verdade, o Lourenço Marques para uso dos politicos, é coisa muito mais conveniente e sublime que o leite, que é apenas para uso das familias.

CARLOS DE SEPULVEDA.

O *Jornal do Domingo*, ao chegar a Lisboa o novo ministro de Hespanha, n'esta côrte, o illustre litterato hespanhol D. Juan Valera, presta-lhe homenagem de profunda admiração publicando o seguinte escripto:

### D. JUAN VALERA

Quem lê um livro fórma idéa moral e material do seu auctor. Dir-se-hia que os seus pensamentos gravados no papel são uma projecção da personalidade creadora, como essas grandes sombras que passam pelos rios em dias tempestuosos, são a projecção das nuvens que passam voando. Mas o leitor engana-se frequentes vezes na sua idéa, e succede talvez imaginar o pintor, o romancista, o orador, poeticamente em demasia, e recebe um grande desengano ao ver uma cara vulgar, com todas as apparencias da obtusa materia. Quem lê Valera imagina Valera tal como elle é. O seu estylo polido e acerado, como as armaduras milanezas, é um reflexo do seu rosto agradável, no qual arde o fogo da arte em dois olhos pretos de vivo lume, no qual os sarcasticos labios tem o riso facil e a zombaria prompta. Chegou á idade propecta sem perder a galhardia da juventude. Anda lesto como um sargento e não sente nenhuma das tristezas da velhice. E' alto, magro. Toda a cabelleira é branca e tão farta, que parece um involucro de neve, rodeando o febril cerebro, onde nasceu a *Pepita Jimenez* n'um dia de primavera. Veste com elegancia e pulcritude. Usa luneta. No delicado modo com que sacode a cinza do charuto, conhece-se o modo delicado com que mancha a pena, — como um cinzel docil que trabalha o castelhanao como se fosse «um idioma de marmore».

\*

\* \*

D. Juan Valera nasceu em Cabra, provincia de Cordova. Estudou o latim n'um seminario, e tão bem que não o esqueceu, afeiçoando-se desde a infancia aos poetas classicos de Roma. Fez-se bacharel em philosophia e letras, e depois doutor; despontaram-lhe então na alma as afeições poeticas e em plena era romantica as fulgurantes visões d'esta arte doentia e mal sã não lhe penetraram no espirito. Este voltava os olhos para o passado, e poisando o vôo, para descansar nos nossos classicos, seguia a sua poetica viagem até á Grecia, e bebia nos arroios de Teocrito e brincava no nemoroso bosque de Daphne. O duque de Rivas recebeu as primeiras confidencias poeticas de Valera. Tinha este entrado na carreira diplomatica acompanhando a Napoles seu illustre tio. A campina italiana fez-lhe palpi-

tar a alma com essa electricidade do bello de que brota a faísca da poesia. N'uma janella da qual se avistavam os longiuos horisontes de Sorrento, concebeu e escreveu muitos versos, amantes na sua maior parte. Quando regressou a Madrid, o mundo elegante acolheu-o com regosijo. E' homem de agradável trato e amabilissima conversação. Tem o que quer que seja d'aquelles Encyclopedistas, que fallando captivavam, realisando tanta propaganda com a sua pessoa como com os seus livros. Fez as primeiras armas na politica, em já esquecido semanario que se intitulava — *La Revista Peninsular*, onde advogou decididamente pela união ibérica. Mas a constancia não é virtude de Valera e em breve desistiu de tal campanha, voltando só á palestra quando o seu amigo Albareda fundou *El Contemporaneo*.

Ali escreveu Valera muitos artigos politicos, cheios de intenção e de fórma tão bella como sua; mas essa intenção não era adequada a taes trabalhos. Valera ia mais além do que devem ir os artigos de fundo escriptos para o povo. A habilidade da sua dialectica passava despercebida na atropellada lucta da politica, — em que os jogadores d'esgrima da escola de *Emilium*, são vencidos pelos golpes rudes, violentos e sem arte dos que ao modo de Armando Carrel «são incorrectos por serem populares.» Valera, segundo dizia um illustre redactor do *Contemporaneo*, não dava no alvo por apontar de mais para cima.

Mas a litteratura levava-o pela corrente da celebridade. Então imprimiu dois tomos d'estudos criticos sobre arte e costumes. Sem abandonar completamente a politica e seguindo sempre a iniciativa de Albareda, deixou-lhe um segundo lugar no seu espirito. Era o primeiro para a arte. Em 1866 obteve um importante cargo diplomatico, e depois da revolução de setembro foi director de instrução publica e subsecretario de Estado. O tempo em que gosou do poder foi tão breve, que um discreto amigo nosso dizia-nos: «Nos seus vinte annos de vida politica esteve em inactividade dezenove.»

A sua presença nos lugares officiaes deixou grata memoria nas espheras do poder. O seu talento clarissimo entregava-lhe a chave da nova posição no dia seguinte a encontrar-se n'ella e não precisou de ser o que a nossa pittoresca linguagem politica chama «homem de governo» para desempenhar com admiravel acerto quantas commissões lhe foram incumbidas.

A sua phisionomia litteraria levava-o á Academia, e poucos teem entrado com maiores merecimentos do que elle no templo da rua de Valverde. Humanista e helenista, reunia por feliz prodigio qualidades que costumam andar muito espalhadas entre os sacerdotes da sciencia e da arte. Entrou na Academia e o titulo de academico completou Valera, dando a ultima pincelada no seu espectro moral. Traduziu então o sublimemente formoso livro de Sah — *Poesia e artes dos arabes em Hespanha*, dando-lhe uma fórma tão castiça e perfeita, que segundo a phrase d'um critico francez, «ganhou ao passar os Pyrius, como os vinhos de Italia».

Falta desenhar o lado mais interessante do rosto de Valera. Não é celebre pelos seus discursos no Senado, nem pelas suas dissertações na Academia. E' celebre por um romance: *Pepita Jimenez*. Sei como elle o escreveu e vou referir-o:

Valera tinha passado um longo estio a ler as obras dos nossos mysticos. Percorrendo esse caminho florido que leva ao paraíso, tinha colhido muitas violetas que, juntas n'um ramo, só esperavam uma jarra de Sèvres onde exhalassem o seu aroma.

Concebeu então a idéa geral de *Pepita Jimenez*, mas não como a conhece e admira o publico, senão em fórma de dissertação philosophica, o que quer que fosse parecido com a *Minuta d'un testamento*, que um profundo pensador escreveu. O philosopho viu-se surprehendido pelo poeta. A idéa luminosa só necessitava azas. Veio a poesia e deu-lh'as. D. Luiz de Vargas surgiu do pensamento do espiritalismo vencido. *Pepita Jimenez* nasceu da idéa da bella realidade vencedora. Tinha já escripta a obra e tencionava intitular-a com vesticulo latino, quando o acaso fez com que Valera se encontrasse uma noite, caminho de sua casa do bairro Salamanca, com o engenheiro escriptor e elegante poeta Ramon Rodrigues Correa. Contou-lhe Valera o que tinha feito, e ficou Correa namorado da obra; mas ao onvir que tencionava pôr-lhe por nome umas poucas de palavras latinas, disse-lhe:

— Homem! Tu queres que ninguem leia o romance! Isto é, que não o leia nenhuma d'aquellas pessoas que o devem lêr. Põe-lhe outro titulo.

— Qual? perguntou Valera.

— O da protagonista. Como se chama ella?

— Pepita Jimenez.

— Admiravel! Ah! tens o nome do teu livro!

Assim saiu á luz esse encantador livro, baptisado com um nome que é um sorriso, por baixo do qual se adivinha o coração apaixonado da viuva de Villabermeja e uma luta d'amorsinhos, disparando uns aos outros flechas de ouro.

Trad.

LUIZ QUIRINO CHAVES.

(Conclue no proximo numero).

ÉLIE BERTHET

## O CRIME DE RIVECOURT

(TRADUÇÃO DE CUNHA E SÁ)

(Continuado de pag. 48)

Apesar do seu apuro, estava com uns ares lugubres, e não proferira vinte palavras desde que se achava em casa da Humberto. Assim que qualquer rapaz fazia menção de se approximar da viuva, elle lançava ao imprudente um olhar tão irritado, tão ameaçador, que o outro girava nos calcanhares e não tardava a confundir-se por entre o ajuntamento.

Estas disposições de Hermano contribuíram para desanimar os convidados, e a festa esmorecia. De repente, algumas vozes gritaram:

— O parisiense!... agora é que vamos rir. Ah! vem o parisiense!

Effectivamente, Girard chegava aos pulinhos

à parte do cerrado que servia de sala de dormir.

Vinha vestido com simplicidade, mas convenientemente, e, segundo o costume, estava radiante de bom humor.

Approximou-se dos convivas e cumprimentou-os.

Depois de se inclinar respeitosamente diante de Theresa, travou da mão de Lerond e apertou-lh'a com vigor.

— Faço-lhe os meus cumprimentos e dou-lhe a minha benção, Lerond, disse com uma gravidade comica. Possa a sua posteridade ser tão numerosa como as estrellas do céu e os grãos de areia do mar... dou-lhe licença para isso!

Lerond ficou de bocca aberta diante d'este cumprimento, de que elle não entendia palavra, e o estroina voltou-lhe as costas e dirigiu-se para Hermano.

— Olha o meu senhorio! disse com o seu tom zombeteiro. Então tu juraste monopolisar a formosa senhora Lourenço? Aposto que tens dansado todo o dia com ella...

Isso não é permittido pelos regulamentos, meu velho!

— Senhor, balbuciou Hermano, eu nem me lembrei...

— Está bom, intorrompeu Girard, abaixo os monopolistas!... Formosa dama, acrescentou com ar de galanteria, concede-me uma valsa, uma contradança ou... tudo o que quizer?

— Com todo o gosto, senhor, respondeu a viuva que accéitou com ancia a mão que lhe offereciam.

— Tu, Hermano, continuou Girard, vaes convidar uma d'essas raparigas, e farás de meu *vis-à-vis*.

— Senhor, juro-lhe que não tenho vontade nenhuma...

Has-de-me servir de meu *vis-à-vis*, já te disse! Já viram um senhorio que se emancipa a tal ponto? Chegou a vez dos inquilinos se mostrarem tyrannos... Esta noite, quando formos para casa, havemos de passar pelo tabellião... que ainda hoje não me viu.

Hermano levantou-se como se o solo lhe fugisse dos pés. Agarrou na mão da primeira moça que achou ao pé de si e encaminhou-se para o grupo dos dançadores, com a mesma boa vontade com que um urso fazia iguaes movimentos ameaçado pelo cacete do dono.

O artista não pareceu notar a raiva de Hermano, ou se deu por ella foi para a metter a ridiculo com o seu formoso par, a quem dizia tanta tolice que a fazia perder o compasso.

A dansa prolongou-se tanto tempo quanto quiz Leão Girard.

Finalmente, cansado, parou, e um signal avisou Hermano de que lhe fôra restituída a liberdade de acção.

Vendo, porém, que a sua valente companheira ainda não estava cansada, chamou João Pedro, encarregou-o de o substituir junto da viuva, e depois de lhe ter dito algumas graças que muito os divertiu a ambos, foi descansar em frente de um copo de cidra.

Quando elle tornou a apparecer entre os que dansavam, João Pedro e a viuva já estavam sentados. Tinham ido para um canto do cerrado, onde conversavam em voz baixa, o que fez carregar o sobr'olho a Leão.

Quanto a Hermano voltára para o seu logar primitivo, mas já não parecia inerte e abatido como antes.

Estava, sem duvida, n'um dos quartos de hora de revolta prevista pelo seu perseguidor.

Tinha a cabeça erguida, lia-se-lhe no rosto uma expressão determinada e quando Leão appareceu o seu olhar em vez de se abaixar, fitou-o com odio.

O artista limitou-se a sorrir e passou assobiando.

Dirigiu-se para uma parte do cerrado onde os rapazes se exercitavam na luta, segundo o costume de certas terras.

Girard observou-os por um momento, depois, despindo a sua sobrecasaca, offereceu-se para lutar com os mais valentes campeões.

A principio houve recusa; era muita honra, e

— Sim, respondeu o tanoeiro.

Emquanto despia a sobrecasaca, estava todo n'uma tremura nervosa. Os seus dedos de ferro arrancavam os botões, rasgavam o fato.

— Ai que elle vae dar cabo do parisiense! murmurou um dos circunstantes.

— Isso é o que se hade ver! observou outro.

Os dois lutadores caíram em guarda; Hermano furioso, sombrio, taciturno, com a sua estatura athletica; Girard leve, flexivel, zombeteiro.

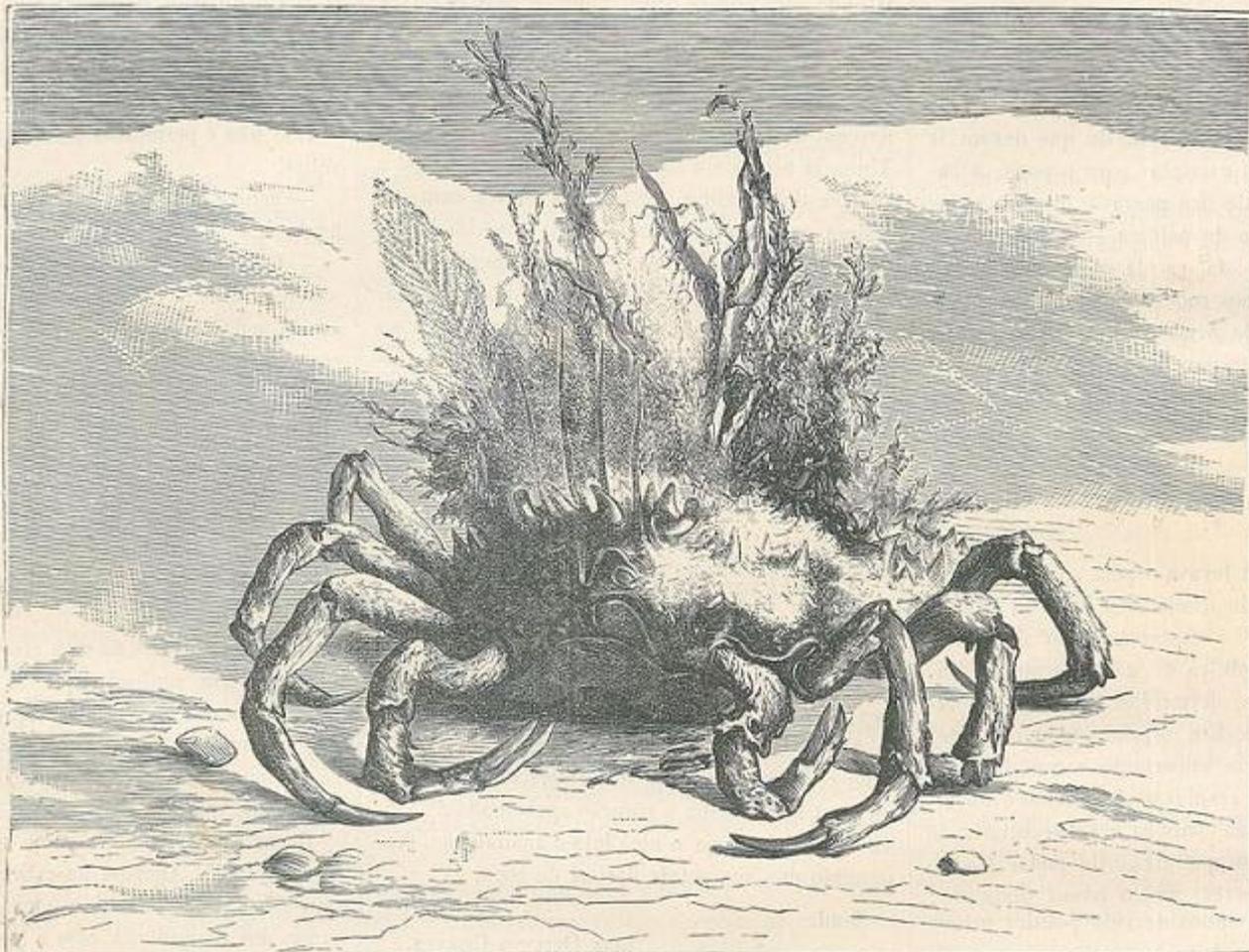
Mas ainda d'esta vez o combate não foi muito demorado; no momento em que se precipitavam um sobre o outro, Hermano, sem que se soubesse como aquillo tinha sido, foi derrubado com uma

ouro do solo; mas, quando desenvolviam todo o seu vigor, o pé do artista escorregou e os combatentes, sempre enlaçados, caíram juntos.

Leão Girard ficara por baixo; segundo as regras do combate, devia ser considerado como vencido, e o combate cessar logo.

Não succedeu assim: Hermano não deu ouvidos aos espectadores que lhe gritavam se levantasse. Continuava a ter seguro Leão, e debruçado sobre elle, offegante, soltando uma especie de estertor, parecia animado por um verdadeiro frenesi.

Soltou uma das mãos, agarrou o adversario pela gravata e principiou a apertar-lhe a gargan-



ARANHA DO MAR

conhecia-se tambem que receavam desfazer aquelle parisiense de tão fraca figura.

Leão só com grande custo conseguiu resolver um dos assistentes a acceitar o desafio.

Entretanto, a opinião a seu respeito não tardou a mudar. O adversario foi derrubado um pouca rudemente. Um segundo teve igual tratamento, e tudo isto o artista conseguia com tanta facilidade que até nem deixava de dizer os seus graçeos, que muito divertiram a galeria.

Já ninguem queria experimentar.

Leão perguntou:

— Quem é o rapaz mais forte cá da aldeia?

Responderam-lhe logo:

— É o Hermano.

— Então que se approxime!

Talvez que fosse isto mesmo que Hermano quizesse, porque ao primeiro chamamento avançou resolutamente, com os labios cerrados e fechados os punhos.

— Hermano, perguntou-lhe o artista, queres lutar comigo?

rudesa que teria atordoado outro qualquer menos robusto.

O proprio Hermano ao ver-se estendido por terra, parecia não acreditar na sua derrota e estava como que fulminado.

Talvez que lhe acudisse novamente a idéa de que Leão devia a sua superioridade a um poder sobrenatural.

Quando elle se erguia em meio das risadas dos espectadores, Girard disse-lhe tranquillamente:

— Vamos lá! Isto foi uma primeira tentativa... Apanhei-te de surpresa... Auguenta-te agora melhor.

— Sim, sim, a primeira não valeu, repetiu Hermano resmungando raivoso.

Após um pequeno intervallo, os dois lutadores pozeram-se novamente em guarda; e ou porque Hermano redobrasse de esforços, ou porque conhecesse melhor a tactica do adversario, não se deixou derribar á primeira investida. Agarraram-se, procurando cada um d'elles levantar o

ta. Nos seus olhos fulvos e raiados de sangue brilhava o sinistro fulgor proprio de quem vae commetter um crime.

Evidentemente, todos os instinctos ferozes d'aquella má indole acabavam de despertar. Girard julgou-se perdido.

Comtudo disse em voz baixa:

— Estão a olhar para ti, assassino!

Esta palavra teve um effeito magico. A mão que segurava a gravata de Leão soltou-se; as feições contrahidas tornaram ao seu natural, o fulgor dos olhos apagou-se e Hermano pôz-se em pé balbuciando:

— É má brincadeira... perde-se a cabeça... e não se sabe o que se faz.

Ninguem mais além de Leão conhecia o perigo que este acabara de passar.

Quando se achou de pé, esfaldado e alagado de suor, disse ao tanoeiro:

(Continua).